

O Potiguar

Ano II Nº 15

Outubro/Novembro 99

Distribuição Gratuita



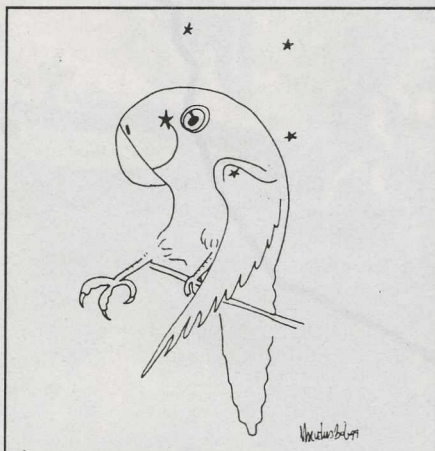
José Alves Pessoa
do Oiapoque ao Chuí



Papagaio

Republicanamente verde e amarelo.
 Palrador como um patricio brasileiro....
 Quando larga do bico, segura com o pé.
 (POLÍTICO NACIONAL).
 Sua língua é um badalo de sineta.
 O bico é feito de borracha preta.
 Apropriado para um beliscão.
 Parece um poeta passadista
 Quando poeticamente espia o céu...

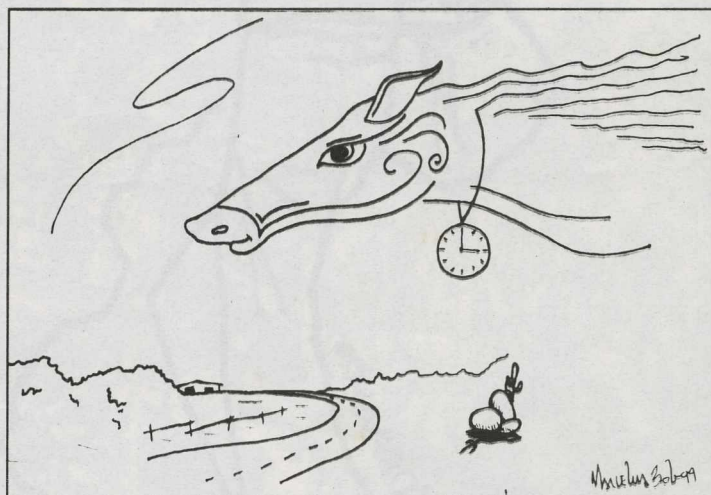
Jorge Fernandes



O cavalo caiu de mim

Esse cavalo é aventura
 É fúria, velocidade
 Esse cavalo é o tempo
 O cavalo caiu de mim
 Despejou-se na estrada que não era mais minha
 Fez-se verso na página que não era mais minha
 Fez-se loucura no silêncio intruso
 Fez-se mais força junto à força avulsa
 O cavalo caiu de mim
 Caiu da sela do peito
 Despencou do poder dos meus chicotes
 O cavalo é vida que não pude conter
 O cavalo me deu um coice
 Eu bati com a vida no lajedo
 Eu bati com pedra na vida
 Mas não morri
 É simples, tão simples que eu só conto rindo:
 O cavalo, doido cavalo caiu de mim.

Iracema Macedo



EXPEDIENTE

| | |
|-------------------------------|--------------------------|
| Diretor | Programação Visual |
| -João Gothardo D. Emerenciano | -Arandi Sales |
| Editor | Capa |
| -Moura Neto | -Adrovando Claro |
| Revisão | Gerente Comercial |
| -João Gothardo D. Emerenciano | -Carlos Frederico Câmara |
| -Giuliano Emerenciano Ginani | Impressão |
| | -Gráfica Nordeste |

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte
 de valores LTDA.

■ Av. Campos Sales, 682-Tirol- Tel.:(084)211-7888/ 211-3159
 (fax): 211-3159.

■ Rua Epitácio Pessoa, 527- Bom Jardim-Mossoró/RN-

Uma lírica e imensa saudade

Foi começo de descoberta no fim da década de vinte. Primeiros alumbramentos fora dos limites do quintal lá de casa, que ainda era sítio e dava na São Thomé.

Praça Augusto Severo com suas árvores grandes (oitis, principalmente) e suas pontes passarelas sobre os estreitos canais, onde, mal – acomodado, transitava na maré cheia um braço esguio do Potengi. Na mão esquerda de quem descia, mais para os lados da Great Western, o coreto. Meio europeu, meio mourisco, com suas linhas “élancés”, e seu teto de ardósia. Nos sábados, se bem me lembro, havia retretas. E as estátuas de bronze vindas da França? Onde andarão elas?

Natal de mais tarde um pouco. Carnaval na Tavares de Lira. Corso arrodando o obelisco já no cais das lanchas de Luís Romão que iam para a Redinha passando pela frente do Hotel Internacional do Major Theodorico e pelo oitão da firma Severo Gomes & Cia., de meu pai, do Dr. José Gomes e do Coronel Vanvão. O escritório fazia esquina com a rua Chile do antigo Palácio do Governo que se transformou em casa de mulher – dama, no tempo da guerra e dos “my friends”.

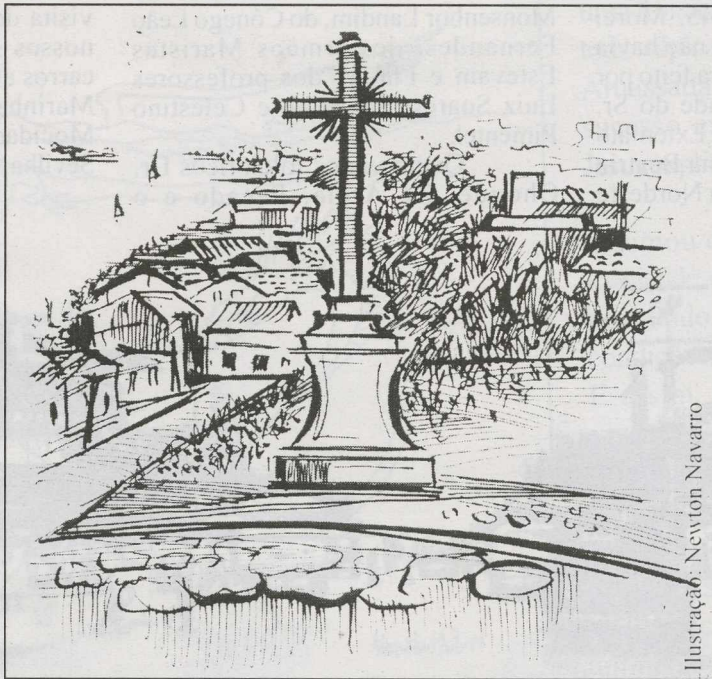


Ilustração: Newton Navarro

Na rua 15 de Novembro havia a Pensão Belas Artes, de mulheres pálidas e tresnoitadas. A Almino Afonso, da Pensão Ideal, conhecida por Pensão Estrela (de propriedade de Maria Emília, conhecida por Maria Cu-de-Ferro) tinha então o nome de rua do Triunfo.

Na Duque de Caxias, entre as praças Augusto Severo e José da Penha moravam famílias importantes como as dos doutores Odilon Garcia e Januário Cicco e mais pra cá, no pé da ladeira da Junqueira Aires, estava o palacete de Tia Inezinha (Dona Inês Barreto de Albuquerque Maranhão), viúva de Juvino e que hoje é o Colégio Salesiano. Subindo mais, tinha-se (e ainda está lá) “A República”, que foi casa de Pedro

Velho, o Dr. Theotônio Freire, o meu pai Sérgio Severo, o Dr. Calixtrato Carrilho, a Capitania dos Portos e muita gente de boa origem e conceito. O bonde descia a ladeira a nove pontos. Só vendo.

Natal tinha um bocado de gente boa que hoje é nome de rua e um bocado de ruas que hoje têm nome de gente. Não quero discutir, mas aqui para nós, a cidade cresceu tanto que bem se poderia homenagear aquelas pessoas sem apagar nomes tão bonitos como rua dos Tocos, das Virgens,

Beco do Capió e Travessa da Lua. Felizmente ainda existe o Beco da Lama (onde João Lira prometeu se esconder se fosse perseguido pela Prefeitura), mas botaram nome falso na rua do Arame, de simpáticas prostitutas que me desvirginaram.

“Mudaria Natal ou mudei eu?” Nada disso, nós mudamos juntos. Na cidade, o progresso e os modernos/modismo destruíram as formas de moça provinciana, vestindo-a de longos espigões que emparedam a brisa, sufocam as árvores e as praças. Em mim a pátina do tempo transformou-se em rugas, em cabelos brancos, em cansaço dos aclives e em uma lírica e imensa saudade.

Augusto Severo Neto

Convite

UP UNIVERSIDADE POTIGUAR

PRÓ-REITORIA DE EXTENÇÃO E AÇÃO COMUNITÁRIA

A Pró-Reitoria e Ação Comunitária convida V.S^{as}, a participar do Programa **NOSSO BAIRRO CIDADÃO**, promovido pela Prefeitura Municipal de Natal, onde stands e salas de aulas serão disponibilizados para atividades extensionistas da UnP.



Bairro: PIRANGI/JIQUI
Período: 10 a 12 de DEZEMBRO de 1999
Horário: Das 8 às 18:00 h

A PRÓ-REITORIA

Informações na Pró-Reitoria: Profa. Iluminata (Fones: 215-1104/1118/ 986-9338)

A Natal que eu conheci

Nasci em Acari, indo para Natal com 6 anos, em 1945. Morei primeiro nas Quintas, onde não havia calçamento e o transporte era feito por duas "sopas" de propriedade do Sr. Brígido Ferreira. Estudei no Externato Monsenhor Pegado, de Dona Beatriz Cortez, onde fica o Cinema Nordeste e que de manhã funcionava na Escola Técnica de Comércio, do Professor Ulisses de Góis. Dois bondes da "Força e Luz" faziam a rota Alecrim - Cidade Alta.

Em 1948, fui morar na Olinto Meira, em frente ao sítio do Dr. Choque (hoje Vila Militar da Marinha), rua sem calçamento ou luz pública e poucas casas com energia elétrica. Parei depois na Rua Borborema, perto do Cemitério do Alecrim, até que, em 1970, voltei definitivamente para a Região do Seridó.

A cidade é muito diferente daquela onde vivi. A Natal dos "papos" no Grande Ponto, à noite, não existe mais, é que as noites hoje são desertas. Não existe mais a Natal do Estádio Juvenal Lamartine onde assisti, em 1947, o Flamengo derrotar por 7 a 2 a Seleção do Rio Grande do Norte e me fazer rubro-negro fanático.

Onde estão os cinemas de antigamente, São Luís, São Pedro, Cine Paroquial (depois Olde e, por fim, Teatro Jesiel Figueiredo), o Cine Alecrim da Praça Gentil Ferreira, de que pouca gente se lembra? A Natal

de Dom Marcolino Dantas, do Monsenhor Landim, do Cônego Leão Fernandes, dos Irmãos Maristas Estevam e Flávio, dos professores Luiz Soares, Salustino e Celestino Pimentel.

Quem viu os folclóricos Dr. Choque, Zé Areia, Pecado e o

Wanderley. Impossível esquecer a visita de Martha Rocha, a miss dos nossos sonhos, ou os carnavais de carros alegóricos como o "Ai Vem a Marinha". Muito menos a Festa da Mocidade ou a Orquestra Cassino de Sevilha.

Eu poderia ficar aqui um tempão, desfiando o passado, visitando com o coração a a g ê n c i a Pernambucana, de Luiz Romão, a Cigarreira Zepelin ou sentindo a mesma tristeza que se sentiu na morte de Dix-Sept Rosado, em 1951.

Natal mudou muito, agora é gigante, quase estranha para mim. É que prefiro a Natal velha, a Natal tradicional, das Rocas, Ribeira,

Cidade Alta, Alecrim, Tirol e Petrópolis que não existem mais. Natal hoje não é aquela cidade bucólica, quase infantil, mais poética e mais humana.

Parafrazeando Dorival Caimmy, que diz ser "*doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar*", eu digo ser doce lembrar Natal, das águas doces, amenas, tranqüilas do Rio Potengi.

Tarcísio S. de Medeiros (*)

(*) *Funcionário da CEF / Caicó. Transcrito do Jornal CULT, Ano V, nº 31, Agosto/96.*



Av. Rio Branco na década de 50

jornaleiro Cambraia? Na lembrança alguém sussurra que estariam no Bar Flamengo ou no Tabuleiro da Baiana, nas peixadas da Ribeira, na Pensão Ideal ou na Boate Arpège.

Poderia ser que nos encontrássemos, saudosistas, vendo um comício de Djalma Maranhão (maior prefeito que se teve), um comício da UDN ou PSD, no meio da multidão que ouvia Getúlio Vargas ou o Brigadeiro Eduardo Gomes, na Praça Gentil Ferreira. Ou ainda, parece que estou vendo, Tenório Cavalcanti com sua metralhadora "Lourdinha", falando na Praça Pio X (onde está a nova Catedral).

É difícil esquecer as lutas-livres entre Aderbal e Bernardão, no Brasil Clube, e o programa de auditório "Domingo Alegre", de Genar



HIPOCRATES
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

● Colégio Hipócrates Zona Sul
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio
Alameda das Mansões, s/n - Candelária
Tel: (084) 206-7729/206-8069

● Colégio e Curso Hipócrates
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Rua Jundiá, 421 a 432 - Fone: (084) 221-4488

● Colégio Hipócrates Ponta Negra
Ensino Fundamental e Médio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do
Restaurante Tábua de Carne

● Colégio Hipócrates - João Pessoa
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
UNIDADE I - EPITÁCIO - Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294
UNIDADE II - BESSA - Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811

● Colégio Hipócrates - Zona Norte
Ensino Fundamental e Médio
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947

Errata



Onde se lia: "A Praça Pedro Velho juntava aos domingos, uma multidão de todas as idades que ia brincar no parque, passear nas calçadas e namorar nas entrelinhas", leia-se:

A Praça Pedro Velho acabou-se no que era doce. O parque para a meninada virou patamar de solenidades públicas anuais. O avião que servia café, ponche e bolinhos com confeito e chocolate, voou, foi-se embora, deixando em seu lugar só a metralha de sua demolição, isso mesmo já carregada. Os tanques d'água já não têm mais nem o lugar físico, pois foram soterrados e retirados. E as tartarugas que viviam lá, assim como uns marrecos. Os jardins, que serviram de pano de fundo de muita fotografia para namorados ou para crianças das mães, foram substituídos por algo semelhante. Não se namora mais na praça, não tem retreta mais na praça e, por infelicidade, até o nome Pracinha, desapareceu nos descaminhos da vida, burocratas tachando-a de Cívica, como se cívica ela fosse, ela que nasceu para ser Dengosa, Fotográfica e Aventureira. Engoliram até mesmo o nome robusto de Pedro Velho. E que dizer, então, do seu apodo de Pracinha?

Onde se lia: "O Cine Rio Grande abriu suas portas depois da sessão das quinze horas e as moças e os rapazes, no final da tarde de domingo, ficaram no footing, por elas

organizado, nas calçadas de O Castelinho", na esquina da Avenida Deodoro e Rua João Pessoa, até as dezoito horas", leia-se:

Botaram o Castelinho abaixo, ficou aquele monturo muito tempo por ali, depois construíram um arranha-céu no lugar, a engolir carros, e ele mesmo que nasceu para embelezar as ruas, já está ultrapassado, ferido e até os adereços já lhe levaram. E deixaram o Cine Rio Grande quase desfalecido. Acabaram-se os passeios, os encontros, as tardes de domingo. Fechou-se o tempo. A Rua João Pessoa já foi e já veio, já lhe mexeram nas entranhas, lhe cavaram buracos, demoliram casas, fizeram prédios sem noção de tempo, desistiram de outros, acabou-se o movimento, e a Cidade Alta encontra-se num mergulho profundo em si mesma, em busca da personalidade perdida, nos caravançaras da folia imobiliária, que descobriu as dunas, os morros, as praias e os sítios de Natal. Hoje não se fala mais com amigos, não se namora mais com doçura. Não se beija mais com amor. É tudo encomendado, comprado, recebido. E não tem a quem se queixar e é deixar por isso mesmo, inclusive esta errata, que nem sei pra que.

Afranio Pires Lemos

VEREADOR PMDB
Franklin
Capistrano

"Vamos repensar Natal, construindo no trabalho solidário uma melhor qualidade de vida nesses 400 anos"

Nossa desprezada Lagoa do Jacó

Ao sopé do monte que separa os bairros de Petrópolis e Ribeira, próximo ao prédio correspondente ao Centro de Turismo, encontra-se a LAGOA DO JACÓ. Há anos, pessoas interessadas providenciam a descarga de material próprio para aterro, promovendo um lento e irreversível assoreamento da lagoa, já muito reduzida em relação às suas primitivas dimensões.

No período invernos, as águas da lagoa se escoam através de um riacho que corre pelos bairros da Ribeira e das Rocas, desaguardo à margem direita do Potengi. No seu curso final, aquele riacho corta as avenidas Januário Cicco e Eng.º Hildebrando de Góis, indo findar-se no terreno onde funciona o depósito distribuidor de gás, vizinho ao tradicional Canto do Mangue, nas Rocas.

O topônimo Lagoa do Jacó, já é encontrado em documento sesmario de 1731. Os desenhos representando a lagoa vêm desde o século XVII. No livro de JOAHANNES DE LAET, intitulado **História ou Anais dos Feitos da Companhia das Índias Ocidentais desde o seu começo até ao fim do ano de 1636**, consta uma gravura da lavra de artista holandês, em que aparece a hoje denominada Lagoa do Jacó.

A referida estampa recebe a designação de **Afbeeldinghe van T'Forte op Rio Grande ende Belegeringhe** (Planta do Forte do Rio Grande e Arredores), onde se vê a atual Lagoa do Jacó, um tanto deslocada da proximidade do monte que lhe serve de arrimo. Proveniente da lagoa, aparece o **Krayes Rivier** (Riacho dos Corvos, ou

dos Urubus).

O curso do riacho formado pela lagoa ocorria no sentido sul-norte. Cortando o riacho, via-se uma ponte que era utilizada pelos transeuntes e veículos, que percorressem o caminho interligando **Het Dorp Vande Portuguesen** (A Aldeia dos Portugueses, a Cidade do Natal) ao **Fort Tres Reys** ou **t' Fort Ceulen**.

Por aquela "ponte lançada sobre um riacho", passaram as tropas flamengas, na tarde do dia 8 de dezembro de 1633, comandadas pelo tenente coronel Balthasar Bymae, em direção à Fortaleza, objetivo visado pelas tropas invasoras.

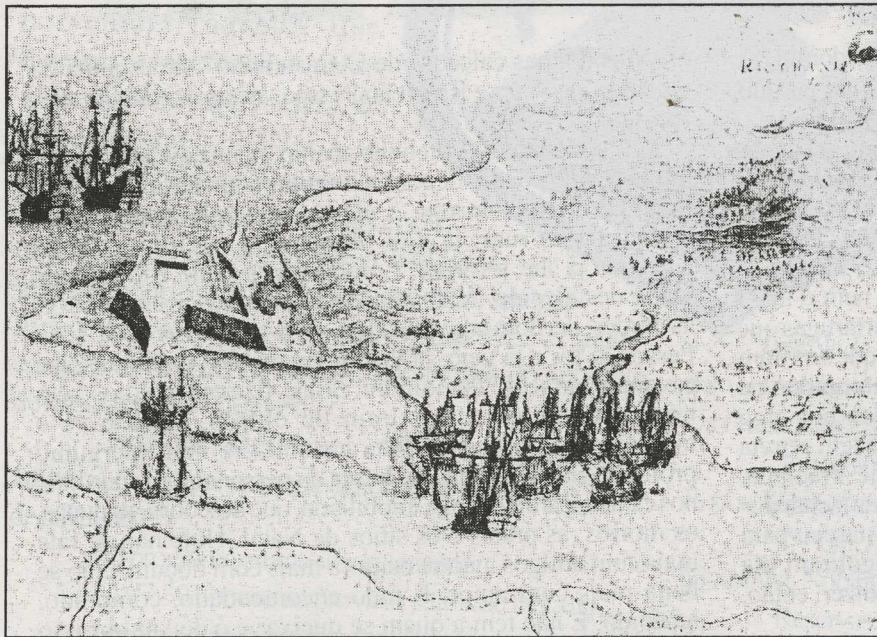
Do outro lado do Potengi, à margem esquerda do rio aparece o atual riacho Jaguaribe, sob a referência de **Sout Rivier** (Riacho Salgado). Na confluência do Jaguaribe com o Potengi, no lado leste viam-se algumas casinhas, **Viisschers Huysen** (casas de pescadores).

A outra gravura intitula-se **Verovinge van Rio Grande in Brasil Anno 1633** (Assédio do Rio Grande no Brasil Ano 1633). Na referida gravura, a lagoa figura com uma certa grandeza, formando um riacho em cuja foz via-se ancorada a esquadra holandesa, vencedora da Fortaleza dos Reis Magos. Tal como atualmente, a barra do riacho formado pela lagoa correspondia ao ponto hoje chamado de Canto do Mangue, porto onde ancoram os barcos pesqueiros, no bairro das Rocas.

Documentos arquivados no nosso Instituto Histórico e Geográfico, relativos a concessões de chãos na Cidade do Natal, fazem referência desde 1603, à **Lagoa da Campina**, onde o cidadão Jorge de Araújo possuía uma olaria. No ano seguinte, certo documento mencionava o Riacho da Ponte, a qual ainda perdurava no ano de 1747.

Como vemos, a agonizante Lagoa do Jacó e o seu riacho, o riacho dos Urubus, desempenharam importante papel na formação histórica da nossa Capital. Não os devemos esquecer!

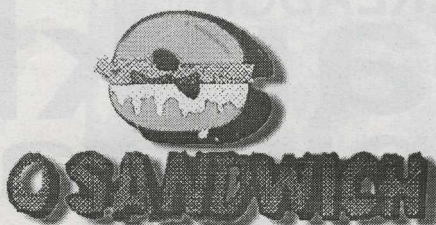
Olavo de Medeiros Filho.



A estampa holandesa **VEROVINGE VAN RIO GRANDE IN BRASIL ANNO 1633**, de autoria de Commelyn, representa o Assédio do Rio Grande no Brasil, no ano da conquista da capitania pelos flamengos.

Extraído do livro *Os Holandeses na Capitania do Rio Grande - Natal, 1998*.

No seu caminho sempre tem



DISK SANDWICH

236-2667
202-2109

Segunda abre de 16:00 até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00 da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs

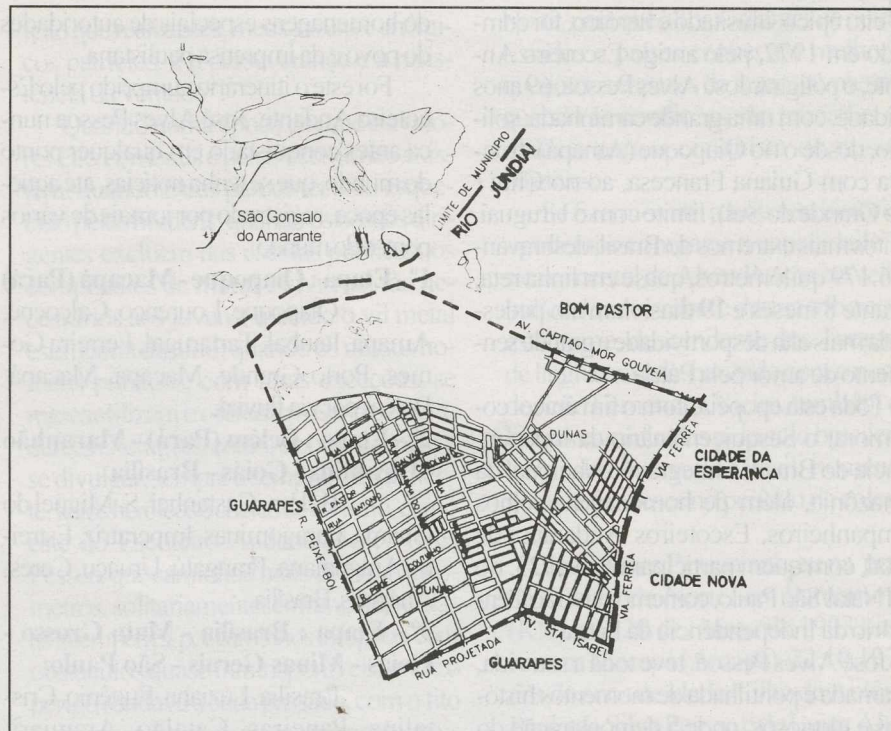
Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4

Felipe Camarão

As terras do atual bairro de Felipe Camarão pertenciam à viúva Machado, tradicional proprietária de terrenos no município de Natal, esposa do comerciante Manoel Duarte Machado. Desde 1933, essas terras estavam registradas no Patrimônio da União.

Em 1962, parte das terras entre os bairros de Guarapes e Felipe Camarão foram vendidas pela viúva Machado. Uma parte foi adquirida pelo empresário Raimundo Paiva; a outra, pela empresa GERNA-Agropecuária e Indústria Limitada. Em 1964, o empresário Gerold Geppert, alemão, naturalizado brasileiro, registrou o terreno, criando o loteamento que recebeu o nome de REFORMA. Esperava com isso, que se utilizasse o terreno de uma nova forma, diferente da ocupação que se verificava em outros locais da cidade, porém semelhante ao que ocorreu com a área da Cidade Nova, atuais bairros de Tirol e Petrópolis. Tal pretensão justificava-se visto que o referido loteamento atingia 10% da área total do município. Abrangendo terras dos Guarapes, Planalto, Quintas do Vigário e Peixe-Boi, o loteamento Reforma era, na época, o maior já registrado no Rio Grande do Norte. Assim sendo, pretendia o Sr. Gerold ver essas terras com largas ruas e avenidas, como inspirara o plano de Giacomio Palumbo. Infelizmente, tal intenção não se concretizou, pois invasões constantes fizeram reduzir o sonho de se manter amplas ruas e avenidas.

A ocupação efetiva da área, porém, só se concretizou a partir da venda de terrenos, tanto à vista quan-



to a prazo. Seus clientes eram pessoas físicas, em sua maioria, humildes, desejosas de construir moradias.

Apenas alguns lotes foram adquiridos por uma empresa de transportes; outros foram doados à Igreja Católica e, um outro, ao Instituto Histórico e Geográfico.

Para o início da construção das casas, foi cavado um poço que fornecia água às obras. Esse poço ficou conhecido popularmente como "Poço do Alemão", referência ao proprietário das terras. Após sua exaustão, o poço foi desativado e aterrado.

O nome do bairro é uma homenagem a Felipe Camarão, nosso índio Poti, que se destacou no com-

bate ao invasor holandês. Segundo se sabe, a denominação do atual bairro foi de autoria de um vereador no ano de 1967.

Anteriormente, era a localidade de Peixe-Boi devido ao aparecimento de um grande peixe nos mangues ali existentes.

Pela Lei n.º 1.760, de 22 de agosto de 1968, na administração do Prefeito Agnelo Alves, Felipe Camarão foi oficializado como bairro. Em 1993, teve seus limites redefinidos pela Lei n.º 4.330 de abril do referido ano e publicada no Diário Oficial do Estado em 07 de setembro de 1994.

Paulo Venturele de Paiva Castro



HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ 54 aptos. Panorâmicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo
Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

Caminhada Cívica

Feito épico, inusitado e heróico, foi cumprido em 1972, pelo antigo Escoteiro Andante, o potiguar José Alves Pessoa, 69 anos de idade, com uma grande caminhada, solitário, desde o rio Oiapoque (Amapá), fronteira com Guiana Francesa, ao rio Chuí (Rio Grande do Sul), limite com o Uruguai, pontos mais extremos do Brasil, desbravando 6.179 quilômetros, quase em linha reta, durante 8 meses e 19 dias, num ato pedestre da mais alta desportividade e grande sentimento de amor pela Pátria.

Toda esta epopéia, com o fim único: comemorar o Sesquicentenário da Independência do Brasil; a Integração Nacional da Amazônia, além de homenagear velhos companheiros, Escoteiros Andantes, de Natal, com quem participara, em 1923, do raid Natal/São Paulo, comemorativo ao Centenário da Independência da Pátria.

José Alves Pessoa, teve toda a sua vida, inflamada e pontilhada de momentos históricos e gloriosos, onde a demonstração do seu amor cívico pela Pátria foi quase uma obsessão, feitos e conquistas exaltados com pronunciamentos carinhosos das mais significativas e respeitadas personalidades brasileiras de sua época - o general e sertanista Cândido Rondon; o almirante, Benjamim Sodré; o marechal Juarez Távora; o marechal do Ar, Eduardo Gomes; Euclides Triches, Governador do Rio Grande do Sul; Coelho Neto, Olavo Bilac e José Carlos Macedo Soares, fundadores e dirigentes da Associação dos Escoteiros do Brasil, João Havelange, Presidente da Confederação Brasileira de Desportos e outros.

Durante este raid do Oiapoque ao Chuí, José Alves Pessoa, caminhou sempre à luz do dia, cadenciado e resolutamente, conduzindo a Bandeira Nacional desfraldada em seu Bastão, e na mochila, um frasco com água retirada do Oiapoque, que na chegada ao rio Chuí, misturou as águas dos pontos mais extremos do Brasil, com isso conseguindo o seu objetivo, que era o de fazer também a integração pelas águas desta grande nação.

José Alves Pessoa, partiu do município do Oiapoque, no dia 31 de março de 1972, e chegou ao Chuí, em 19 de novembro do mesmo ano/1972, como meticulosamente havia projetado. Em 7 de setembro, encontrava-se na capital paulista, onde participou da grandiosa parada cívica, como Guarda de Honra do palanque oficial, juntamente com os Escoteiros Andantes, de São Paulo, quando foi efusivamente aplaudido, recebeu

do homenagens especiais de autoridades do povo e da imprensa paulistana.

Foi este o itinerário cumprido pelo Escoteiro Andante, José Alves Pessoa nunca antes conquistado em qualquer ponto do mundo, que se tenha notícias, até aquelas época, registrado por jornais de vários pontos do mundo:

1º - Etapa : Oiapoque - Macapá (Pará)

Oiapoque, Lourenço, Calçoene, Amapá, Itaubal, Tartarugal, Ferreira Gomes, Porto Grande, Macapá, Macapá/Belém por via fluvial.

2º - Etapa : Belém (Pará) - Maranhão - Tocantins - Goiás - Brasília

Belém, Castanhal, S. Miguel do Guamá, Paragominas, Imperatriz, Estreito, Araguaiana, Prangatú, Uruaçu, Ceres, Anápolis, Brasília.

3º - Etapa : Brasília - Mato Grosso - Goiás - Minas Gerais - São Paulo

Brasília, Luziana, Eugênio, Cristalina, Paneiras, Catalão, Araguari, Uberlândia, Uberaba, Ituverava, Riberão Preto, Pirassununga, Araras, Limeira, Campinas, Jundiá, São Paulo.

4º - Etapa : São Paulo - Paraná - Sta. Catarina e Porto Alegre

São Paulo, Ibiuna, Pilar do Sul, S. Miguel Arcanjo, Capão Bonito, Ribeira, Bocaiúva do Sul, Curitiba, S. José dos Pinhais, Tijucas do Sul, Joinville, Blumenau, Rio do Sul, Lages, Vacaria, Caxias do Sul, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Canoas, Porto Alegre

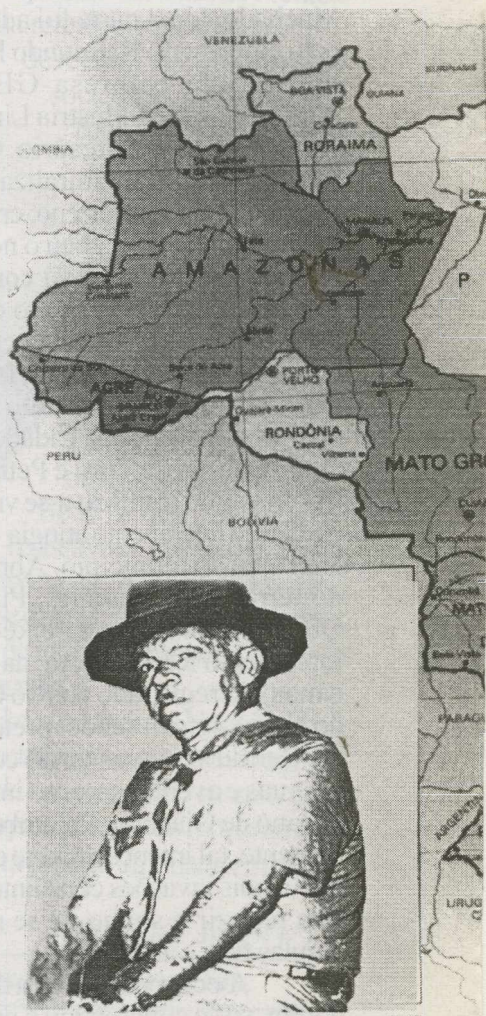
5º - Etapa : Porto Alegre - Chuí

Porto Alegre, Guaíba, Camaquã, Boqueirão, Pelotas, Taim, Arroio, Sta. Vitória do Palmar, chegada ao Chuí.

Durante todo o percurso surgiram os mais diversos obstáculos porém, todos foram superados - altas e compactas florestas; região inculca; rios caudalosos, arroios e corredeiras; inverno, frio intenso e calor; alojamentos abandonados nas matas virgens, somente ocupados por onças, porcos espinho, cobras, aranhas e mosquitos, com ocorrências anotadas no Diário de Viagem, e apresentações sistemáticas às Prefeituras quando chegava às cidades, foram fatores que marcaram a perseverança que o denodado Escoteiro Andante, José Alves Pessoa, levava, obstinadamente, em seu coração, a tenacidade e o amor à causa abraçada, na consecução de um ideal que alimentava desde cedo para homenagear a Pátria estremeçada. Vencida esta longa, trepidamente, inenarrável e fantásti-

ca caminhada, José Alves Pessoa, que cruzou de norte a sul este imenso e quase continente País, passando por mais de 100 cidades dos Estados do Amapá, Pará, Brasília, Mato Grosso, Maranhão, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sonhava ainda em poder tentar a caminhada de volta, isto é do rio Chuí ao rio Oiapoque, o que, infelizmente não aconteceu.

Anteriormente, em 1923, com apenas 19 anos



de idade, iniciante ainda como Escoteiro Andante, de Natal (turma de 1919), José Alves Pessoa, inspirado por jangadeiros que fizeram o mesmo percurso por mar, no ano anterior (28/8/22 - 18/9/22), comandou uma Patrulha que realizou o raid, a pé Natal/São Paulo, com saída de Natal, em 14.01.1923, e chegada a São Paulo, em 02.09.1923, no percurso de 1.013 léguas, cumprido em 7 meses e 18 dias, tendo como companheiros, todos de Natal, o guia, Humberto Lustosa da Câmara (falecido recentemente em Natal, aos 97 anos de idade); o escoteiro classificado, Aguinaldo Mendes de Vasconcelos; o monitor, Henrique Borges de Oliveira, e o noviço, Antônio Gonzaga da Silva, com a finalidade de comemorar o Centenário da

Do Oiapoque ao Chuí

Independência do Brasil, e propagar a grande instituição de Baden Powell, cumprindo aquela histórica caminhada em 7 meses e 19 dias, recebendo aplausos do povo potiguar e de todo o país, sintetizados com a quadra do saudoso poeta potiguar Damasceno Bezerra - "Hoje, amanhã, depois, eternamente, em cada oração tereis em exemplo, onde nossa alma pura e reverente, adora a Pátria, à luz do vosso exemplo". Também a

feito que realizastes, meus jovens e enérgicos patrícios, é a perseverança e a resistência da vontade".

Quando numa época em que os valores éticos, morais e patrióticos já não existem; quando Deus parece ter sido esquecido pelos homens; quando os nossos dirigentes excluem das escolas públicas, os compêndios de moral e civismo, tão necessários aos jovens; quando o vil metal está acima de tudo; quando os nossos homens públicos, com raras exceções, se mercantilizam e oferecem os mais degradantes exemplos, então, é bom se repetir e se divulgar, sempre e sempre, eternamente, feitos heróicos e cheios de civismo, como este do Escoteiro Andante, José Alves Pessoa, que caminhou mais de 6 mil quilômetros, solitariamente, enfrentando todas as intempéries, por caminhos inóspitos, com obstáculos quase intransponíveis, onde o perigo rondava à cada passada, com o fito único e patriótico de alcançar o ponto mais extremo do Brasil, em tempo hábil, para comemorar, efusivamente, a data de Sesquicentenário da Independência da Pátria estremeçada, coisa que só os heróis conseguem.

O Escoteiro Andante e 1º Tenente do Exército, José Alves Pessoa, que teve o Rio Grande do Norte, como sua terra berço, e o Amapá, a sua pátria de espírito, onde casou e constituiu prole honrada, deixou, assim, um prêmio de consolação e orgulho aos seus descendentes; um exemplo dignificante aos jovens escoteiros, adeptos e seguidores do sempre saudoso e inolvidável chefe e general britânico Baden Powell, fundador do Escotismo, e a afirmação de quanto é possível um brasileiro simples, porém, inflamado de civismo e obstinado, contribuir para a felicidade e o progresso desta grandiosa, abençoada e rica Pátria que, nesta virada do século, infelizmente, se encontra enferma.

Hoje em dia, Pirangi do Norte, no município de Pamamirim, onde aos turistas e veranistas - todos os anos, fazem férias e longos dias de repouso - desconhecem a bravura desse homem simples, corajoso, decidido e capaz que durante a sua vida deixou uma página de história para a bravura do Rio Grande do Norte.

Agora, para que esse esquecimento e abandono não se afirme nem seja uma mancha negra para o civismo potiguar - torna-se indispensável a implantação de um marco na praça pública de Pirangi do

Norte, para que ali os visitantes de outros Estados e países conheçam melhor o que somos capazes de fazer, até mesmo quando as condições são precárias ou difíceis para a conquista de nossos objetivos.

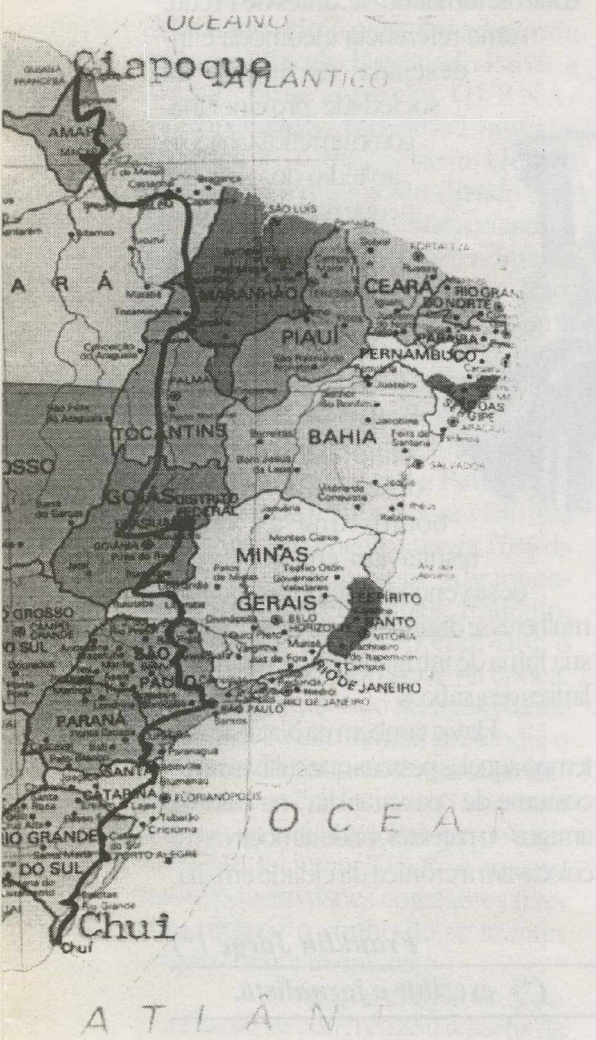
Se fizermos um retrocesso histórico - podemos comparar a capacidade física e mental de Alves Pessoa ao velho índio - Janduí - chefe de sua tribo com este nome, descendente dos Taurariu de língua travada, batizado com o nome de João Fernandes Vieira, também de longas caminhadas pelo solo brasileiro e Rei dos Índios do Brasil, nomeado pelos holandeses no período da colonização.

José Alves Pessoa nasceu na praia de Pirangi do Norte, em Pamamirim (RN), aos 20 de março de 1903, faleceu em Macapá (Amapá), 22.10.1979, aos 76 anos de idade. Filho de Antônio Paulo da Silva Pessoa e de Luiza Alves Pessoa, da sociedade de Macapá; deixando os filhos - José Ribamar Costa Pessoa, funcionário da Varig-Cruzeiro, Agência em Macapá; Luiza Maria Costa Pessoa, advogada, procuradora do IBAMA em João Pessoa/PB e, Tânia Mercedes Costa Pessoa, funcionária do Tribunal de Justiça do Estado do Amapá.

Arrematando estas notas, torna-se necessário dizer que, esta caminhada tenaz, heróica e cívica - do Oiapoque ao Chui - unindo os pontos mais extremos da Pátria, muito pouco foi divulgada em nosso Estado, embora a imprensa nacional, na época, tivesse dado o destaque que merecia, especialmente a do Amapá, região distante e abençoada do Brasil, que deu guarida a José Alves Pessoa, até a morte, e que ainda hoje exalta a façanha deste notável Escoteiro Andante potiguar que, até o momento, não foi reconhecido em Natal sequer com seu nome como Patrono de um beco, rua ou avenida de nossa cidade, quando seria lembrado, eternamente, por toda a comunidade.

Luiz G. M. Bezerra

* Membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN e da Associação dos Cronistas Esportivos do RN.



mensagem do governador do estado do Rio Grande do Norte, Antônio José de Melo e Souza, abrindo o Diário da Jornada - "Que os jovens Escoteiros do Rio Grande do Norte, levam por toda a grandeza física da Pátria, a afirmação e a prova de grandeza moral", também "Vos sois, meus jovens e queridos patrícios, uma afirmativa de coragem, bravura e civismo", de José Ferreira de Souza; "Estes jovens acabam de nos oferecer uma comovedora prova de arrojo magnífico de Severo, do heroísmo épico de Camarão e do patriotismo sereno e grandioso de Miguelinho", de Luiz Potiguar Fernandes. E finalmente, como afirmava, Coelho Neto, Secretário da Liga de Defesa Nacional - "O que eu mais admiro e louvo no

OSWALDO DE SOUZA

O maestro Oswaldo Câmara de Souza viveu seus últimos anos na casa da Rua do Motor. Há muito se tornara uma referência sobre a cultura potiguar, especialmente sobre o nosso patrimônio histórico e artístico, que inventariou, dando ensejo a restaurações e tombamentos que salvaram bens móveis e imóveis do arruinamento total.

Como um homem confessadamente dependente dos cuidados e das habilidades culinárias de Dona Lourdes, Oswaldo não dispensava o uso do cachimbo, o uísque redentor, as refeições deliciosas e intermináveis, a boa prosa com gente capaz.

Foi o homem que salvou o Marco de Touros, que vinha sendo então lapidado por nativos que acreditavam nos poderes curativos da pedra que, reduzida a pó, dava um chá milagroso.

Era um homem exuberante e cheio de vida, dotado de uma verve epigramática, que voltou a Natal como delegado do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, depois de viver no Rio e em São Paulo, onde trabalhou com Mário de Andrade, sem contudo se tomarem íntimos.

Indolente, solitário e maniático, Oswaldo não sentiu a tentação de registrar em livro suas memórias de tudo. Como compositor, produziu uma obra relativamente reduzida, sob o influxo

modernista, embora de grande originalidade. Sua obra anterior ao seu regresso à cidade de sua infância e adolescência, baseada no estudo das canções dos barqueiros do rio São Francisco, continua praticamente desconhecida, sobretudo por nossas

era um criador oral, um homem para quem viver constituía, efetivamente, uma grande arte.

Nascido numa velha família potiguar, ainda alcançara, em Natal, a presença da Faladeira, em geral uma mulher mal-casada, viúva ou solteirona em carne viva, que se desiludira dos outros, tornando-se, antes de Freud, uma referência incômoda e indesejada, no âmbito da sociedade provinciana, como um eficaz antídoto ao tédio dos dias em que nada acontece.

A Faladeira, tão atuante nas comunidades mais enquistadas, andava quilômetros, debaixo do sol, impulsionada pela obsessão de difundir boatos que às vezes resultavam em tremendas desavenças. Algumas dessas mulheres se distinguiam de tal forma que sua fama de intrigantes superavam os limites geográficos.

Havia também na Natal do seu tempo aquelas pessoas que cultivavam o costume de "passar o dia" na casa de amigos ou parentes, onde almoçavam e colocavam a crônica da cidade em dia.

Franklin Jorge ()*

() escritor e jornalista.*



instituições. Notável, ainda, sua pesquisa sobre as nossas rendeiras do litoral e agreste potiguar, que culminou com uma mostra bem cuidada desse artesanato no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Sensível ao cult e ao popular, dele ouvimos saborosos relatos sobre costumes e personagens da cidade, irremediavelmente perdidos, desde que calou-se sua voz para sempre. Oswaldo

S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Natal, em meio à festa dos 400 anos,
um gesto natural:

o apoio do Vereador **EMILSON MEDEIROS**
à cultura de sua cidade natal

Jorge Fernandes, parnasiano esquecido...

O inventário poético de Jorge Fernandes (1887 – 1953) considerado o precursor do modernismo no Rio Grande do Norte, além das características que o distinguiram como vanguardista – supressão da rima e do ritmo cadenciado – apresenta uma face que é pouco conhecida do poemário do autor de “Rede”: a produção de versos parnasianos.

Neste contexto é praticamente desconhecido dos admiradores do poeta, o soneto “Aleluia” publicado no Jornal O Tempo, de propriedade de Armando Seabra de Melo, com data de 8 de abril de 1917.

*Hoje, se o Cristo súplice voltasse,
Falando às turbas e pregando o amor,*

Talvez nenhum apóstolo encontrasse

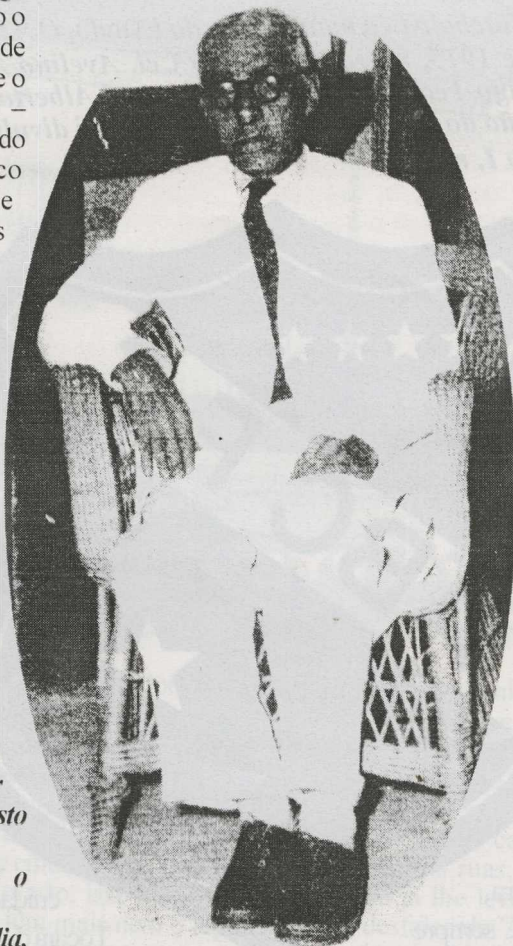
Neste terrível Caos desolador!

*E onde quer que seu olhar pousasse
Veria em cada ser um vil traidor,
Teria a cada instante em sua face
Beijos de infâmias cheios de travor
No entanto, ó Judas, neste dia augusto
De aleluia ruidosa, anda teu busto
Suspenso à corda assim como o deixaste.*

*Porque tanto rancor, se tudo é insídia,
Se aqui vivemos todos de perfídia
E nos beijamos como tu beijaste?!*

Nestes versos, segundo Esmeraldo Siqueira, Jorge Fernandes “não seguiu as regras rigorosas do soneto, exigentes, no tercetos, de rimas graves, agudas ou esdrúxulas, quando as houver nos quartetos. A idéia ou concepção é um lugar-comum já cediço demais, e as expressões adotadas são desprovidas de beleza”.

O misticismo do belo poema “Deus lembrou-se de mim”, também é



Última foto de Jorge Fernandes

formulado através de versos armados à moda Parnasiana.

*Deus lembrou-se de mim, lembrou-se!
Deu-me a provação dos Mártires antigos,*

*A resignação dos pálidos mendigos,
E o estoicismo dos Santos Medievais....*

*Minhas mãos estão cheias de messes,
Sobre a cabeça halos celestiais....*

Deus lembrou-se de mim, lembrou-se!

*Ungindo-me de bondade e de Amor.
Martirizou-me pra tornar-me Santo
E deu-me asas pra fugir da Dor!*

Outro poema onde aparece resquícios do Parnasianismo é o romântico “Que tanto ele amou”, subtítulo “Mãe Terra”, que não se encontra na edição organizada por Veríssimo de Melo e que foi citado anteriormente pelo poeta Luiz Rabelo na Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras (volume 33, número 21 – maio de 1990).

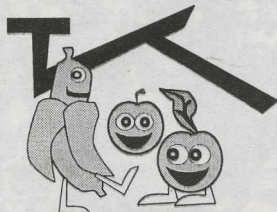
*Ferida, cavada,
A golpes de enxada,
Ela guarda a semente
Que brota, floresce
E o fruto aparece
Ao vento a bailar
E o filho faminto
Tem fruto, tem tudo,
Pra fome matar!*

*Depois já cansado
Um dia se aquieta
Quem sempre lutou!
Sem mágoas, sem dores,
Na sua tipóia
La vai carregado
Sem dobres nem flores,
Dormir sossegado
No seio da terra
Que tanto ele amou!*

Outros poemas de Jorge Fernandes em que se percebe um ritmo Parnasiano são: “Folha Seca”, “Doloroso Embalo”, “Contrastes”, “Poema”, “Padre João Maria”, “Oh! Minha Aldeia!”, “Preces à Lua”.

João Gothardo Dantas Emerenciano

A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax:(084)206-5612

CASA DO PEIXE LTDA

Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.

Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.:(084) 221-4917/982-2085

O primeiro aniversário do ABC Futebol Clube

Considerada a agremiação futebolística mais antiga do Estado, O ABC Futebol Clube foi fundado às 13 horas do dia 29 de Junho de 1915, na residência do Cel. Avelino Alves Freire, na avenida Rio Branco, localizada por trás do antigo Teatro Carlos Gomes, atual Alberto Maranhão.

O programa da comemoração do seu primeiro aniversário foi divulgado pelo jornal O Parafuso, edição de 02 de Julho de 1916, ano I, nº 27.

Os distintos moços que compõem este núcleo esportivo, vêm hoje, cheios de alegrias, cheios de entusiasmo e de orgulho, os seus esforços loureados, galgando assim o primeiro degrau de sua existência. Vontade própria, sem auxílio, lutando com mil dificuldades, em prol desta agremiação tão útil, que há de reconhecer porventura, aqueles que detratam e maldizem o quanto vale, na educação física de nossos moços.

Nos seus encontros oficiais o ABC sempre honrou as suas cores, defendendo com êxito a sua bandeira, immortalizando o seu nome. E assim o ABC sempre forte e altivo, galgou o primeiro lugar entre os seus congêneres, desfazendo assim a má impressão do velho dito de nossa terra do "Já teve".

Nós que admiramos esta novel agremiação, fazemos-lhe chegar as nossas felicitações e os nossos votos de felicidade.

O programa está assim organizado:

Às 7:30 horas uma prova de saltos de fantasia.

Altura - cinco metros - medalha de prata

Juízes: Tenente Anibal Leite e José Paes Barreto.

Às 8 horas, uma prova de natação - 200 metros



medalha de prata.

Juízes: Frederick Holder e dr. Clidenor Lago.

Às 13 horas, sessão solene. Falará o orador oficial da festa, José Potiguar Pinheiro.

Acendendo gentilmente ao convite da diretoria do ABC, falarão sobre educação física os senhores tenente Anibal Leite Ribeiro e Dr. Luiz Potiguar Fernandes.

Às 15:30 horas, o encontro entre o 1º e 2º teams do ABC no ground da praça Pedro Velho, cuidadosamente preparado.

Tocará durante o jogo, a banda de música da escola de Aprendizes Marinheiros, gentilmente cedido pelo comandante Monteiro Chaves.

Os Teams estão assim constituídos:

1º - Coelho, Potiguar, Faustino, Argentina, Brasil, Chile, Rocha, Meira, Santos, Avelino, Bigois.

2º - Lili, Aurino, Cabral, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Mourinha, Nóbrega, Pernambuco, Carlos, Bidó.

Reservas: Milo, Santa Casa, Josafá, Biu.

Juízes de Gol - Murtinho e Albano Borges; atuará como referee o sportman José Barreto.



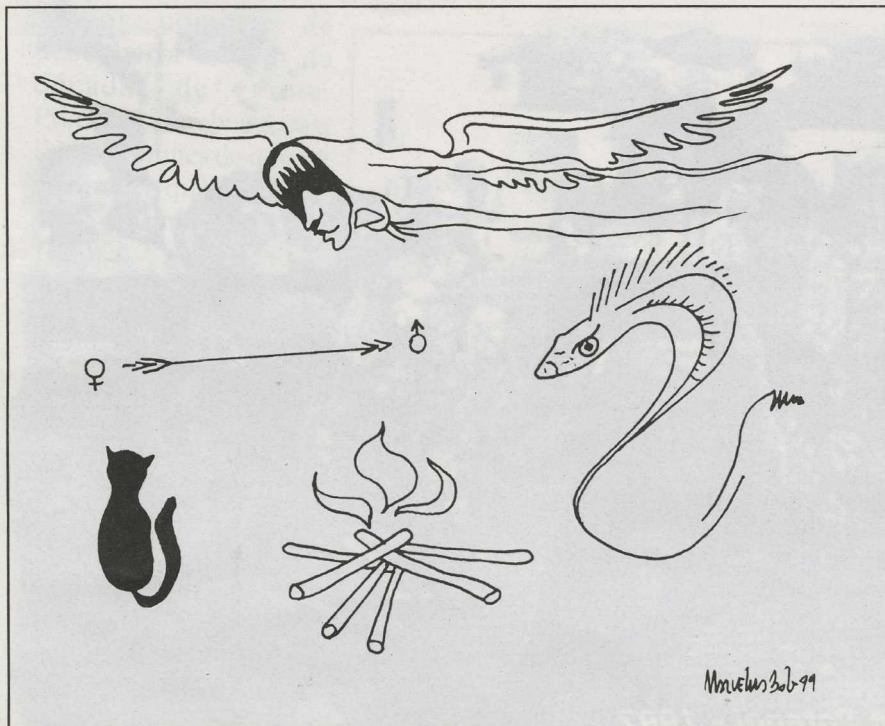
"Um passo para o Futuro"

"Aulões" gratuitos do Professor e Vereador Aluísio Machado, no Palácio dos Esportes. Pré-Vestibular-99- Educação de Jovens: Uma prioridade.



Av. Rio Branco, 411, Cidade Alta - Fone: 211-5977

A Lenda da Tacaca



Quando a mãe de Nosso Senhor morreu, aconteceu o que tinha de acontecer. Jesus ordenou a um dos seus anjos para fazer uma coivara de fogo. E, com os seus poderes falou:

- "Vou fazer a minha mãe voltar a ser uma moça nova". O corpo da velha foi atirado ao fogo. Do seu engenho, fez surgir depois de alguns ajustes, uma moça nova de uns vinte anos assim. Mas, ele não estava só. Havia um pecador que não estava nos planos de Nosso Senhor e que a tudo assistiu. Tocado pela malícia da serpente – olho

grande – já se vê, sem conhecer os preceitos imutáveis da criação, aproximou-se do Senhor e admirou a grande obra que ele havia feito. Foi aí que contou de sua mãe que era velha demais e cansada. Gostaria pois, que Nosso Senhor a tornasse uma mocinha nova. Jesus então disse para ele trazer a velha e o interpelou:

- O que eu fiz com a minha mãe, você quer que eu faça com a sua?

- Isto mesmo, respondeu o pecador. Um anjo então agarrou a velha e a jogou dentro da coivara

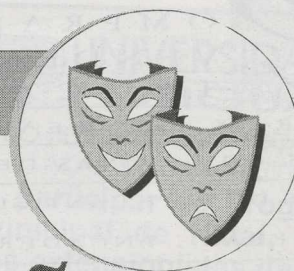
de fogo. Ela queimou, deixando subir uma fumaça escura. Quando já estava toda salpicada, foi retirada da coivara. Amassada aqui e ali sem obter o sucesso esperado. Foi então que Jesus explicou:

- Ah, passou do ponto, queimou demais... Vai ver que na mocidade, essa velha fez muita miséria no mundo. Bom, disse Jesus, nessas condições, era fazer dela uma tacaca. E assim, foi criado um novo ser vivente. Como não estava nos planos do Criador, a tacaca ficou que nem uma véia. Os cabelos fubá, feio, sujo e os olhos cinzentos que nem olho de cobra. O seu tamanho é assim de um gato de casa. Vive nos buracos se alimentando de mandioca e batata. Quando mais das vezes é perseguida por um cachorro ou um outro animal de dentuça afiada, ela solta uma bufa. Quem esta a cem metros de distância, se embebeda com o mal cheiro. Quando ela dispara um vento, o cachorro fica embebedado rodando, rodando... Onde passa uma tacaca, o mal cheiro é insuportável.

- Ainda assim, ela é caçada quando está gordinha. Quem vai tratar dela, tira o seu couro com todo cuidado para que nenhum cabelinho tenha contato com a carne, pois corre o risco de apodrecer todo o restante.

Newton Lins Bahia

Núcleo Cultural
Augusto
Maranhão



O Pastoril no Rio Grande do Norte



O Pastoril é um folguedo popular dramático que existe ainda hoje em quase todas as regiões do Nordeste.

Aqui, no Rio Grande do Norte, é apresentado através de dramatizações, ou bailes nos ciclos juninos e natalinos.

Em outras épocas armavam-se palanques de madeira, muito bem ornamentados com bandeirinhas de papel colorido e barrotes

ornamentados com folhas de coqueiro. No Rio Grande do Norte este folguedo apresenta-se com algumas modificações no que diz respeito aos textos, notas musicais, indumentária e em alguns casos nos gestos e encenações.

Os personagens variam em número de 10,12 ou até vinte. As dançarinas geralmente são adolescentes com faixa etária que varia entre 12 a 18 anos, que se

apresentam divididas entre dois cordões: o azul e o vermelho, cores que são tipicamente representativas das suas vestimentas. Nas apresentações as pastoras formam duas filas, uma à direita, outra à esquerda, indicando assim a formação dos dois cordões.

Mediando as rivalidades aparece uma figura neutra vestindo metade vermelha e a outra azul, posiciona-se entre as duas alas e dá

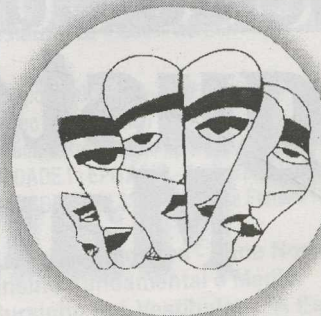


**COMPRAMOS,
VENDEMOS E
TROCAMOS**
LIVROS E REVISTAS
VINIS, CD'S E FITAS DE VÍDEO
OBRAS DE ARTE . ANTIGUIDADES
EM GERAL . ENCADERNAÇÃO
E RECUPERAÇÃO DE LIVROS

Sebo da Praça

PRACA PADRE JOÃO MARIA, 71-A,
CENTRO - NATAL/RN.
FONE: 211-0403

Sebo Espaço 104



**Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas**

Rua Vigário Bartolomeu,
nº 594, Sala 108 ED.Ouro
Center - Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

o tom da jornada.

**“Sou a Diana não tenho partido
O meu partido são os dois cordões
Eu peço palmas fitas e flores
Ó meus senhores peço proteção”.**

As duas primeiras pastoras de cada lado são chamadas de mestra e contramestra. Tal como ocorre na maioria dos pastoris no nordeste as demais figurantes recebem as seguintes denominações: camponesa, borboleta, estrela, cigana e anjo.

Aparece também a figura do palhaço, uma figura muito interessante e divertida que com seus cantos, piadas e loas constitui-se num dos principais personagens do pastoril como manifestação profana. As músicas e danças são chamadas de jornadas que são cantadas sem versos e sem obedecer qualquer seqüência lógica. O acompanhamento varia muito mas, o comum é o violão, o acordeon, pandeiro, triângulo e zabumba.

Todas as jornadas iniciais tem características próprias, isto é, não sofrem interferência.

**Boa Noite a todos
À minha chegada (Bis)
Eu que sou a Mestra,
Viva a minha entrada! (Bis)**

Boa Noite a todos

**À minha chegada (Bis)
Eu sou a Contra-Mestra,
Viva a minha entrada! (Bis)**

É bom observar que todas as pastoras se apresentam de forma semelhante no seu boa-noite

“Boa a noite a todos, à nossa chegada

Somos pastoras, breve a nossa entrada.

Eu sou o guia, venho do Oriente

Eu sou o guia, venho do Oriente

Estrela do Norte é onipotente

Eu sou o Anjo, venho lá do Sul

Para a vitória do cordão azul

Eu sou o anjo, venho do Oriente

Estrela do norte é Onipotente.”

Em outros Pastoris pode ser cantado também desta maneira:

**“Boa noite meus senhores todos
boa noite senhoras, também
Somos pastoras, pastorinhas
belas**

Que Alegrementemente vamos à Belém

Sou a primeira do cordão azul

O meu cordão eu sei dominar

**Com minhas danças, minhas
cantorias**

**Senhores todos queiram
desculpar.**

A última estrofe de entrada é cantada

por cada cordão

“O cordão encarnado na sala chegou

O cordão encarnado na sala chegou

O cordão encarnado é de Nosso Senhor”

O cordão azul na sala chegou

O cordão azul na sala chegou

O cordão azul é de Nosso Senhor”

Senhora Mestra, Contra-mestra

Não tenha raiva não

Que a sua bandeira hoje cai no chão.

Logo após a representação de todas as jornadas de entrada as demais prosseguem sem obedecer qualquer seqüência lógica. Na Praia de Pirangi do Norte, município de Nísia Floresta, foi onde colhemos boa parte dessas jornadas, com depoimentos da Mestra e contramestra. É importante observar que este Pastoril de todos que pesquisamos – com certeza existem outros que ainda não pesquisamos – se constitui um dos mais autênticos folguedos dramáticos do Rio Grande do Norte.

Severino Vicente (*)

(*)Membro da comissão estadual de folclore

VEREADOR

Juliano Siqueira

MANDATO DEMOCRÁTICO - POPULAR

PCdoB

VEREADOR PT

OLEGÁRIO

MANDATO VIVO

FOTO: ADROVANDO CLARO

